

4. Tempo de ser leitor. Tempo para ser leitor

*Leer es oscuro cuando se lee lo no se sabe leer, pero solo así la lectura es experiencia: leer sin saber leer. Dar es imposible cuando se da lo que no se tiene, pero imposibilidad es la condición misma de la ética: la ética del don: dar lo que no se tiene.*⁷²

Jorge Larrosa

*La literatura no está puesta en ningún lugar como una esencia, es un efecto. ¿Qué es lo que hace literario a un texto?(...). En un sentido, un escritor escribe para saber qué es la literatura.*⁷³

Ricardo Piglia

A importância que suscita o processo leitor exige que leitura seja entendida como atividade básica de construção de saberes, porque integra e reestrutura a diversidade de conhecimentos, uma vez que demanda a participação do leitor, que é o responsável pela atribuição de significados e de interpretações, além de ser, pessoalmente, quem fixa a ordenação cognitiva das estruturas e referentes textuais. Ou seja, ler um texto literário requer desafio de intelecto tal quais as operações matemáticas ou qualquer outra operação cognitiva.

Assim, podemos afirmar que ler é mais que saber reconhecer cada uma das palavras que compõem o texto: ler é essencialmente, saber compreender, e, sobretudo, saber interpretar, isto é, chegar a estabelecer nossas próprias opiniões, formuladas como valorações e juízos. Por isso, ler é participar de um processo ativo de recepção; e saber ler é saber desdobrar o texto, saber detectar e seguir pistas, ser capaz de integrar os aportes (saberes, vivências, sentimentos, experiências) para estabelecer inferências. No entanto, em algumas ocasiões, o domínio leitor também requer saber deixar em suspenso algumas

⁷² LARROSA, J. *La experiencia de la lectura*. Estudios sobre la lectura y formación, 2003, p. 89. “Ler é difícil quando não se ler o que não se sabe, porém, somente assim, a leitura é experiência: ler sem saber ler. Dar é impossível quando não se dá o que não possui, no entanto, impossibilidade é condição própria da ética: a ética do dom: a ética daquilo que não se possui”. Tradução de minha autoria deste e demais textos em espanhol utilizados neste capítulo.

⁷³ PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*, 2006, p. 11. “A literatura não está posta em lugar nenhum. O que faz um texto ser literário? (...). De um modo geral, um escritor escreve para saber o que é a literatura”.

antecipações e/ou expectativas, surgidas durante o processo, até que, mediante novas associações textuais ou não, tenhamos a certeza suficiente para estabelecer as inferências definitivas. Para alguns teóricos, o ato de leitura é uma operação de aplicação, na qual as funções básicas para o leitor são (re)organizar, (re)conhecer, (re)ajustar e (re)interpretar. Em paralelo, a relação texto-leitor supõe basicamente a compreensão a partir de uma ou mais hipóteses sobre o significado do texto.

Os teóricos dizem ser a leitura uma atividade pessoal que, constantemente, põe em jogo e amplia os conhecimentos, aquisições e aprendizagens que acumula o leitor. A partir do desenvolvimento dos estudos sobre processos cognitivos, deixou-se de considerar a leitura como um simples exercício ou atividade complementar de aprendizagem da língua ou de outra disciplina para passar a ser tratada como um recurso básico e globalizador que se emprega como procedimento muito eficaz para a auto-aprendizagem.

Também devem ser levados em conta os motivos e motivações, objetivos e interesses de cada leitor quando sai em busca de um texto para ler: informação, passatempo, obrigação, indicação, sugestão, imposição, iniciativa própria, além disso, tanto pode ser uma atividade costumeira quanto ocasional. Nem tudo que lemos tem por finalidade a análise metalingüística ou metaliterária, nem a realização de comentários ou de apreciações traçadas em função dos objetivos e fins propostos por uma tarefa escolar. Quando se dá tal orientação se exercita apenas uma modalidade de leitura. Não podemos esquecer que uma mesma obra lida como tarefa escolar pode ser, em outro momento, centro de atividade lúdica ou formativa do indivíduo e objeto de leitura pessoal e espontânea, com a exclusiva intenção de proporcionar entretenimento. Conseqüentemente, não deve ser considerado *melhor leitor* quem somente lê textos listados em cânones da literatura e programa de estudos, ou seja, textos considerados “alta literatura” ou “literatura de qualidade”, senão quem é capaz de estabelecer limites a suas próprias apreciações e valorações depois de uma adequada compreensão e interpretação. Isso significa dizer que o ato de ler pode assumir diferentes perfis, desde o mais pragmático ao mais lúdico.

Em *Entre o cristal e a chama*, de Flávio Carneiro, há um trecho de explícito diálogo entre este autor e Affonso Romano de Sant’Anna, autor do texto “Ler o mundo”⁷⁴, que pode ser tomado como amostra das possíveis articulações realizadas pelo leitor no ato de ler, além disso, apresenta também outras possibilidades de leitura e de reescritura, de escritura nas margens do texto:

Não se lêem apenas palavras, sabemos. Observar com atenção um prédio antigo, por exemplo, tentar entender suas linhas, suas cores, sua dimensão, arriscar uma data provável de construção, nomear o prédio com um estilo, um recorte na tradição arquitetônica, supor qual o motivo dele ter sido construído ali e não em outro lugar, relacioná-lo com as outras construções em volta, com a arquitetura do bairro e da cidade, tudo isso é ler o prédio.

Pode-se ler um romance ou um poema tanto quanto se pode ler no rosto de alguém um traço de dor, um sorriso um modo de ajeitar o cabelo, ou como se pode ler uma roupa, o céu, um jardim. E até mesmo uma onda do mar pode ser lida (...).⁷⁵

Trecho de Affonso Romano de Sant’Anna:

O urbanista e o arquiteto igualmente escrevem, melhor dito, inscrevem, um texto na prancheta da realidade. Traçados de avenidas podem ser absolutistas, militaristas, e o risco das ruas pode ser democrático dando expressividade às comunidades.

Tudo é texto. Tudo é narração.

(...).

É preciso ler, interpretar e fazer alguma coisa com a interpretação. Feiticeiros e profetas liam mensagens nas vísceras dos animais sacrificados e paredes dos palácios. Cartomantes lêem baralho, copo d’água, búzios. Tudo é leitura. Tudo é decifração.

Ler é uma forma de escrever com a mão alheia.

Minha vida daria um romance? Daria, se bem contado. Mas bem escrevê-lo são artes da narração. Mas só escreve bem, quem, ao escrever sobre si mesmo, lê o mundo também.⁷⁶

O teórico francês Michel Foucault abordou algumas categorias em seu livro *O que é o autor?*, por meio das quais buscava explicar a relação obra/autor (especificamente no primeiro capítulo da obra citada), e, mais adiante, a associação pensamento/escrita e leitura/escrita. Tais categorias são pertinentes aqui porque explicam a leitura de Affonso Romano de Sant’Anna por Flávio Carneiro. Segundos Foucault, Sêneca dá o seguinte conselho: “a prática de si implica a leitura, pois não é possível tudo tirar de si próprio

⁷⁴ Este texto foi utilizado nos círculos de leitura promovidos na Pastoral Universitária PUC-Rio e nos cursos de pré-vestibular comunitários citados nesta pesquisa.

⁷⁵ CARNEIRO, F. *Entre o cristal e a chama*, 2001, p.19.

⁷⁶ SANT’ANNA, A. R. “Ler o mundo”, URL: www.leiabrasil.org.br/doc/leiacomente/ler_mundo.htm.

nem armar-se por si só com os princípios de razão indispensáveis à conduta: guia ou exemplo, o auxílio dos outros é necessário”.⁷⁷

Exemplo do que foi exposto anteriormente é o exercício abaixo, proposto aos alunos do curso Formação de Leitor/Escritor e Inclusão Digital.

É pequeno, tem só dois lugares. E fica perto da janela. Pro sol não desbotar o estampado, a Dona-de-casa fez uma cortina branca, fininha e toda franzida; no fim de atravessar tanto pano, a luz entra cansada na sala, clareando tudo de leve.

É só passar pelo sofá que a Dona-de-casa começa: ajeita um almofadão, estica a ponta do tapete arruma a cortina na janela, anda pra trás pra ver o efeito, e aí suspira contente “é uma graça!”

E é. O sofá estampado é uma graça. Gorducho. Braço redondo. Fazenda bem esticada. Mais pra baixo que pra alto. Mas o melhor de tudo – longe, nem se discute – é o estampado que ele tem: amarelo bem clarinho, todo salpicado de flor; ora é violeta, ora é margarida, e lá uma vez que outra também tem um monsenhor.

O resto todo da sala foi arrumado pra combinar com o sofá: poltrona verde-musgo, tapete marrom, espelho redondo pra botar na parede branca um pouco do estampado, e mais isso e mais aquilo, e mais a Dalva também. Porque o sofá estampado não é só ele e pronto: é ele, e a Dalva.

De vez em quando a Dalva levanta o pescoço querendo se ver no espelho; ela sabe que é tão bonita, ainda mais sentada no sofá estampado. Mas é só muito de vez em quando: o resto do tempo ela vê televisão. Colorida. 24 polegadas. Controle remoto. Do lado, uma jarra com flor.

Na parede também tem um quadro que a Dalva nunca lembra de olhar; e um relógio que bate gostoso, mas que ela não lembra de escutar. Lá pelas tantas chega o namorado da Dalva, o Vítor. Vai direto pro outro almofadão do sofá.

- Oi.

- Oi.

E aí passam um tempão sem se falar. A Dona-de-casa às vezes espia da porta pra ver se os dois estão vendo tevê. Estão. Ela vai embora. Mas não estão. Quer dizer a Dalva está, o Vítor, não: ele não tira o olho da Dalva, mas ela nem repara: o olho grudado na televisão.⁷⁸

Reflexões do texto

- ✓ Após a leitura, quem você acha que é Dalva? Quais as pistas que o texto deu para que você chegasse a esta conclusão?
- ✓ O que você acha do relacionamento Dalva e a Dona-de-casa?
- ✓ E do relacionamento Dalva e Vítor?
- ✓ O texto acima está sem o final. A partir da leitura de “O sofá estampado”, reescreva um final para essa história.

⁷⁷ FOUCAULT, M. *O que é o autor?*, s.d., p. 138-139.

⁷⁸ NUNES, L. B. *O sofá estampado*, 1983, p.10-11.

✓ Agora que você reescreveu o final da história, aponte no texto as pistas que levaram você a escolher esse desfecho.

Para a primeira questão, os alunos arriscaram várias opções, desde Dalva ser a empregada da casa até ser a namorada do filho mais velho ou a vizinha do apartamento em frente. Apenas uma aluna arriscou dizer que Dalva era uma gata. Para isto, partiu do fato de que em casa também tem “uma gata muito parecida com esta”. Este conhecimento que trazia sobre o comportamento deste animal, ajudou na inferência e dedução de sua resposta. Isso também demonstra que ser um leitor competente não implica necessariamente ter que dar conta de todos os tipos de textos. Neste caso, ela aliou conhecimento de mundo, conhecimento prévio sobre o comportamento dos felinos com a leitura e conseguiu chegar ao resultado esperado.

A inferência que a aluna fez também tem a ver com a análise de Roger Chartier sobre a dialética entre texto e leitor: processo através do qual “o leitor saca a leitura do texto”, pois a leitura já não é concebida como resultado de um funcionamento lingüístico puro, senão como resultado da interação entre um texto e um leitor.

*Esto plantea, esencialmente, a través de un concepto de negociación, la relación entre el texto literario y los discursos y prácticas ordinarias del mundo social, ya sean rituales, religiosos, jurídicos, políticos, administrativos o cotidianos. Tal perspectiva me parece muy interesante, pues restituye las condiciones de posibilidad del texto literario, ya que el texto siempre juega, desplaza y reformula estos discursos o prácticas del mundo social, además de que activa las condiciones de inteligibilidad, tanto para los lectores como para los espectadores o los oyentes, que entienden el texto en relación con estas prácticas y estos discursos compartidos sin dejar de percibir la distancia, la diferencia, el desplazamiento literario.*⁷⁹

Nos anos 60, a inovadora maneira de entender a função leitora sugere outra perspectiva de leitor. Segundo as propostas de Wolfgang Iser, reconhece-se e outorga ao leitor o valor potencial de intuir-se no “próprio sistema de referência do texto”, ou seja, de ser o condicionante responsável da atualização dos significados do texto conforme

⁷⁹ CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e historia*, 2003, p. 37. “Isto requer, essencialmente, através de um conceito de negociação, a relação entre o texto literário e os discursos e práticas ordinárias do mundo social, sejam rituais, religiosos, jurídicos, políticos, administrativos ou cotidianos. Tal perspectiva me parece muito interessante, pois restitui as condições de possibilidade do texto literário, já que o texto sempre joga, desloca e reformula estes discursos ou práticas do mundo social, além disso, ativa as condições de inteligibilidade, tanto para os leitores como para os espectadores ou os ouvintes, que entendem o texto em relação com estas práticas e estes discursos compartilhados sem deixar de perceber a distância, a diferença, o deslocamento literário”.

seus aportes pessoais. Esta exposição, surgida dos pressupostos da teoria da recepção, desloca a atenção na atividade receptora do leitor. Em lugar de centrar o interesse nas características do texto, como acontecia com os formalistas, este enfoque potencializa a implicação pessoal do processo de leitura e, necessariamente, resulta na inovação de recursos e de atividades para a criação, desenvolvimento e estímulo à leitura.

Para Catherine Belsey, a estética da recepção livra o leitor “do autoritarismo do autor”, chama o leitor a participar das significações da obra literária.

Na melhor das hipóteses, o interesse pelo leitor é inteiramente libertador, uma rejeição da tirania do autor em favor da participação dos leitores na produção de uma pluralidade de significados; na pior das hipóteses a teoria do leitor constrói apenas uma nova figura de autoridade defensora de um só significado, um leitor-modelo intemporal, transcendente, altamente treinado e que não pode estar errado.⁸⁰

Um dos pontos centrais da teoria da recepção é a análise dos condicionantes e fatores que intervêm na formulação das expectativas e nos processos de compreensão e interpretação, fases primordiais do ato de ler.

Em resumo, a experiência estética é composta por funções básicas: *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* – “cuja concretização depende da principal reação de que é capaz o leitor: a identificação”⁸¹. Cada uma das fases da recepção da leitura é objeto de uma específica atividade, que requer certo adestramento para a formação leitora do indivíduo.

Os planos da experiência estética podem ser definidos da seguinte maneira:

- *Poiesis*: corresponde ao prazer de se sentir co-autor da obra;
- *Aisthesis*: relaciona-se à experiência estética, corresponde ao efeito provocado pela obra, de renovação e percepção do mundo circundante;
- *Katharsis*: corresponde, por sua vez, a concretização de um processo de identificação que leva o espectador a assumir normas de comportamento social, uma retomada de idéias expostas anteriormente.

E, nas palavras de Hans-Robert Jauss, podemos ter uma pequena noção da aplicabilidade das categorias citadas:

⁸⁰ BELSEY, C. *A prática crítica*, s.d., p; 37-38.

⁸¹ JAUSS, H.-R. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*, 2002, p. 50.

As três categorias básicas da experiência estética, *poiesis*, *aithesis* e *katharsis* não devem ser vistas numa hierarquia de camadas, mas sim como uma relação de funções autônomas: não se subordinam umas às outras, o criador pode assumir o papel de observador ou de leitor; sentirá então a mudança de sua atitude, ao passar da *poiesis* para a *aithesis*, diante da contradição de não poder, ao mesmo tempo, produzir, receber, escrever e ler. Quando o leitor contemporâneo ou as gerações posteriores recebem o texto, revelar-se-á o hiato quanto à *poiesis*, pois o autor não pode subordinar a recepção ao propósito com que compusera a obra: a obra realizada desdobra, na *aisthesis* e na interpretação sucessiva, uma multiplicidade de significados que, de muito, ultrapassa o horizonte de sua origem. A relação entre *poiesis* e *katharsis* tanto pode se dirigir ao destinatário, que deve ser persuadido ou ensinado pela retórica do texto, quanto remeter ao próprio produtor: o autor pode tematizar expressamente o “poetar do poeta”, como se a liberação de sua psique fosse um efeito da *poiesis* – *il cantando duol si disacerba* (“com o canto, a dor se abrandava”), como diz o famoso verso de Petrarca, verso em que a ficção extinguiu o hiato entre a emoção e a distância própria à escrita.⁸²

Ou seja, segundo Flávio Carneiro, “o que Jauss pretende é devolver ao texto seu caráter de objeto dinâmico, vivo, que se modifica a cada vez que um leitor nele investe seu imaginário, sua cultura pessoal”⁸³. Por isso, como resultado do exercício da habilidade e da competência leitoras, é esperado que o leitor desenvolva leitura verdadeira, autenticamente individual, que resulte das capacidades e atividades pessoais do sujeito que lê, um tipo de leitura que dirige e controla o processo de percepção, de maneira que mude a tradicional aceitação da visão imposta. Assim, a partir de algumas tendências dos estudos literários que se ocupam da participação ativa e pessoal do leitor na construção de significados e interpretações, podemos estabelecer alternativas para aplicar às orientações e práticas tradicionais de leitura, de forma a otimizar o potencial cognitivo do leitor, a exemplo do que ocorre nos círculos de leitura, que tem como um dos seus objetivos desenvolver a elaboração de estratégias leitoras e algumas táticas que sirvam para mediatizar a relação texto/leitor/autor.

⁸² JAUSS, H.-R. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*, 2002, p. 102.

⁸³ CARNEIRO, F. *Entre o cristal e a chama*, 2001, p. 22.

4.1

Não nascemos leitores, nós nos fazemos não-leitores

Ler é um jogo que como todo jogo tem suas regras que provêm de uma lógica milenária da narração, de uma forma simbólica que nos constitui antes de nosso nascimento; em uma palavra de esse imenso espaço cultural que nós não somos mais que um episódio.

Roland Barthes

A leitura é definida como prática social e ocupa um lugar muito particular na cultura, já que é um meio privilegiado de que dispõem os indivíduos de uma determinada sociedade alfabetizada de construir, consumir e fazer circular os modos de produção cultural – em sua grande maioria, esta circulação se faz por meio de textos. Texto, por sua vez, é um tecido tramado por palavras carregadas de sentidos que permite o acesso aos conhecimentos acumulados historicamente por esta sociedade ou acumulados individualmente. A leitura é um meio de realizar, compartilhar, modificar e somar esta produção de significados. Esta tarefa é compartilhada pelos sujeitos e por sua comunidade, já que toda a sociedade quando ensina/aprende a ler, ensina/aprende modos de entender cada palavra, cada construção e esses modos são próprios de determinado momento histórico, de um particular estado cultural. Por isso, palavras e termos nem sempre perpetuam, são esquecidos pelos falantes e outros são criados e, até mesmo, recuperados, porque, antes de tudo, a língua também é um processo social: se não há um grupo de falantes de uma dada língua, esta língua morre. Esta variabilidade e rotatividade no uso das palavras estarão ligadas diretamente à estrutura viva da língua falada em uma comunidade.

Se pensarmos que as línguas naturais existem somente enquanto existem falantes que as usem, podemos explicar por que a relação de poder está onipresente em toda comunicação lingüística, trate esta de um diálogo informal ou da leitura de uma revista de circulação massiva. Na maioria das oportunidades em que se produz uma comunicação lingüística, o uso da língua leva consigo a intenção latente de manifestar, administrar ou retaliar informação, de buscar, sugerir ou impor consenso, de lograr um efeito determinado no ouvinte ou leitor. Tal como assinala Bourdieu: “Todas as transações

lingüísticas particulares dependem da estrutura do campo lingüístico, que é mesmo a expressão particular da relação de forças entre grupos que possuem as competências correspondentes (por exemplo, a língua ‘cultura’ e língua ‘vulgar’, ou, em uma situação de multilingüismo, língua dominante e língua dominada)”⁸⁴.

Assim, analisando esta diferença de capital simbólico, demonstrado pela posse e maneira como cada falante utiliza a língua, pode-se afirmar que a língua é assimétrica e está longe de ser um sistema neutro, pois a relação entre os falantes dependerá do capital de autoridade que pode ser instaurado ou não na comunicação, para que uma fala, ou uma palavra, possa ser levada em conta ou não, para que um enunciado verbal ou textual possa ser ouvido ou lido, publicado, validado e propagado.

De efeito, esta relação assimétrica deve ser tida em conta em toda intervenção referida da promoção da leitura, dado que seu desconhecimento legitima como “natural” a assimetria e através dessa legitimação inibe a aprendizagem e o exercício de uma leitura crítica e libertadora.⁸⁵

Voltamos ao aluno do curso de História, Jerônimo, quando chama atenção da existência de diferentes discursos (monologia, dialogia e polifonia) em sala de aula e de sua “aceitação” pela turma quando, a partir da prática sistematizada de leitura, adquiriu uma “nova língua”, demonstrando com isso que tinha o mesmo capital cultural lingüístico (ou a potencialidade deste capital) que os demais.

Para o educador Paulo Freire, o ato de ler vincula-se diretamente com o ato de viver, isto é, texto e contexto:

A compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.

Na proposta que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa

⁸⁴ ALMADA, M.E.L. de *et alli. Entre libros y lectores II*, 2001, p. 13. Tradução direta.

⁸⁵ ALMADA, M.E.L. de *et alli. Entre libros y lectores II*, 2001, p. 13. Tradução direta.

forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.⁸⁶

Por esse motivo, costuma-se afirmar que a leitura é um ato individual e constituído socialmente. Leitura é um modo de ação, como diz George Steiner: “*leer bien significa arriesgarse a mucho. Es dejar vulnerable nuestra identidad, nuestra posesión de nosotros mismo*”.⁸⁷ Sem a leitura, o ato criador mergulha no silêncio.

A formação de um leitor não é um movimento linear e nem sempre tem a ver com a idade cronológica do indivíduo, nem com o processo de escolarização formal, já que nada garante que um aluno será “mais leitor” que o outro, nem que um aluno em um nível mais avançado possuirá maior desenvoltura no ato de ler que um em série mais inicial. A alfabetização nada mais é que primeiro passo para a realização da leitura e de estudos formais e sistemáticos. A condição de ser bom leitor depende do domínio de língua e linguagens, das experiências culturais e sociais que favoreçam e permitam o desenvolvimento do hábito de leitura: ninguém nasce leitor ou não-leitor, mas tornamo-nos leitores à medida que a prática da leitura não nos seja apresentada como o fardo de uma obrigação escolar.

⁸⁶ FREIRE, P. *A importância do ato de ler*, 2003, p.11 e 20.

⁸⁷ STEINER, G. *Lenguaje y silencio*, 2000, p.26. “Ler bem significa arriscar-se. É deixar vulnerável nossa identidade, nossa posseção de nós mesmos.”

4.2 Letras e imagens: representação de idéias

Há conteúdos cuja compreensão se vê favorecida por uma codificação verbal e apresentação escrita; outros precisam de imagens e/ou sons, etc. uma verdadeira integração de linguagens e meios (e não uma simples amálgama de imagens, texto e som) que tenha em conta as formas de apresentar, perceber e compreender a informação favorecerá a aprendizagem.

Gutiérrez Martín

Com o surgimento da escrita, novas formas de aquisição de conhecimento são introduzidas, novos hábitos e culturas desenvolvidas. Se em um primeiro momento, antes mesmo do desenvolvimento do aparelho fonador, o homem se expressava através de gestos e interpretava o cotidiano através de figuras desenhadas nas paredes das cavernas, em seguida passou a usar a linguagem falada, a narração de mitos, a memória para que o cotidiano fosse narrado e o passado guardado. Depois da escrita, o esforço mnemônico foi reduzido, tudo poderia ser presentificado à medida que o leitor tivesse em mãos qualquer tipo de material escrito (tabuinha de argila, papiro, códice, livro). Hoje, atravessamos uma nova etapa do desenvolvimento humano: chegamos à era do hipertexto. Com o hipertexto, o passado pode ser encontrado a qualquer hora, o presente vivido em simultaneidade com o futuro. Sem necessidade de um espaço físico concreto, sem necessidade do eterno retorno e do tempo cronológico, sem necessidade de um único autor. O hipertexto está em um espaço movediço, vive em tempos fragmentados e pode possuir vários autores, ser um texto atravessado por diversas subjetividades.

*El término **hipertexto** designa un tipo de texto electrónico que bifurca. Se trata de una escritura no secuencial (en red), que mediante una serie de “páginas”, los **nodos** o **lexias** (bloques de texto: escritura, imágenes, vídeos y sonidos), ligados entre sí por **links** o **hipervínculos** (nexos), y visualizados a través de ventanas, permite al usuario establecer una multiplicidad de itinerarios de acceso y ampliar de modo significativo las posibilidades de lectura en una pantalla interactiva. La conjunción de escritura, imágenes, vídeos y sonidos determina que también se lo denomine **hipermedia**.⁸⁸*

⁸⁸ AVENDAÑO, F. *La cultura escrita ya no es lo que era*, 2005, p. 77. “O termo **hipertexto** designa um tipo de texto que bifurca. Trata-se de uma escritura não sequencial (em rede), que, mediante uma série de “páginas”, os **nódulos** ou **lexias** (blocos de texto: escritura, imagens, vídeos e sons), ligados entre si por **links** ou **hipervínculos** (nexos), e visualizados através de janelas, permite ao usuário estabelecer uma multiplicidade de itinerários de acesso e ampliar de modo significativo as possibilidades de leitura em uma

Se a escrita relativizou a memória, o hipertexto relativiza os sujeitos, tornando-os potencialmente reais, subverte qualquer linearidade e monologismo. Este binômio é substituído por outros termos, como, por exemplo, subjetividade coletiva, múltiplas vozes, sujeitos múltiplos, interatividade, universalidade, sujeitos universais, assim como polifonia. Muitos atribuem a Homero o conjunto de vários autores. Homero não teria sido o autor único das obras eternas que escreveu. Para muitos, *Ilíada* e *Odisséia* são produtos literários de diversas pessoas. O texto virtual, se mal comparado, é construído à maneira das obras homéricas: “*por no implicar a ninguna persona, puedo adoptar no importa qué sujeto o no llevar ninguno, y este sujeto, expresado o no, jamás es planteado como persona*”.⁸⁹

A leitura é tão fragmentária quanto à escrita do hipertexto e não personifica o autor. Ou seja:

*Como está configurado por múltiples lexias sin una secuencialidad predeterminada, el hipertexto carece de eje primario de organización. El lector, libremente y con gran autonomía, desplaza o fija el principio organizador marcando su recorrido entre las lexias a través de diversas trayectorias. El texto “principal” ya no constituye el centro, pues existen tantos centros de lectura, sin jerarquía e interdependencia entre ellos, como lectores posibles. En tal sentido, reconocemos en el hipertexto dos ejes estructurantes: el texto previsto por el autor y el que estructura el lector-usuario.*⁹⁰

Ou, conforme anota Andréa Ramal:

O hipertexto, reunião de vozes e olhares, é subversivo em relação ao monologismo. Construído na soma de muitas mãos, e aberto para todos os *links* e sentidos possíveis, o hipertexto contemporâneo é, de certo modo, uma versão da polifonia que Bakhtin

tela interativa. A conjunção de escritura, imagens, vídeos e sons determina que também o denomine **hipermedia**”.

⁸⁹ BENEVIESTE, E. *apud* RAMA, A. *Transculturación narrativa en América Latina*, 2007, p. 116. “por não implicar nenhuma pessoa, pode adotar não importa que sujeito ou não levar nenhum, e este sujeito, expressado ou não, jamais é visto como pessoa.”

⁹⁰ AVENDAÑO, F. *La cultura escrita ya no es lo que era*, 2005, p. 77. “Como está configurado por múltiplos rizomas sem uma seqüencialidade predeterminada, o hipertexto necessita de uma linha central primária de organização. O leitor, livremente e com grande autonomia, desloca ou fixa o princípio organizador marcando seu percurso entre os rizomas através de diversas trajetórias. O texto “principal” já não constitui o centro, pois existem tantos centros de leitura, sem hierarquia e interdependência entre eles, como leitores possíveis. Neste sentido, reconhecemos no hipertexto dois pontos centrais: o texto previsto pelo autor e o texto que estrutura o leitor-usuário.”

buscava; e, portanto, uma possibilidade para o diálogo, para a construção coletiva do pensamento.⁹¹

Assim, o autor do hipertexto deve estar ciente de que escreve um texto móvel, e será esta mobilidade que permitirá – ou exigirá – que este texto seja entremeado por novas escritas de outros autores, de outros “leitores-autores”. O hipertexto, por assim dizer, é um texto em movimento. Esta nova lógica de escrita implica novos e diferentes modos de produção, de publicação e de recepção dos textos, novas formas de aquisição de conhecimento, cujo antigo e cartesiano formato segmentado e linear se perde nas malhas da rede que interliga os teclados e telas de autores e leitores.

Um hipertexto é subversivo com relação à forma. Ele amplia os recursos expressivos do texto escrito na possibilidade de articular imagens, palavras e sons. E, se não podemos dizer que amplie os recursos da oralidade, pelo menos verificamos que modifica as suas condições, na medida em que acrescenta à fala e à narração a possibilidade de vínculo com a palavra escrita e as ilustrações. Ocorre ainda a subversão na hierarquia interna do texto: imagens falam, muitas vezes, mais do que as palavras. A ilustração conquista o espaço da mensagem. Imagem e som ganham o status de “linguagem” e, portanto, invadem o espaço do significante escrito para tornar-se, também elas, novos textos, concebidos com diferentes modelos e igualmente relevantes para a comunicação social. A imagem disponibilizada na Internet e acessada pelo aluno passa a ser também mediadora para o conhecimento do mundo.⁹²

Quando Andréa Ramal postula a nova condição que a imagem assumiu com o advento da informática, refere-se inclusive aos *emoticons*: figuras usadas pelos internautas para expressar surpresa, alegria, raiva, tristeza, ironia, para zombar do interlocutor entre outras funções, que, por um lado, torna o texto mais atrativo visualmente, enchendo-o de ironia e de comicidade por si só. Para expressarmos da mesma maneira na língua falada ou na língua escrita convencional, precisamos recorrer a outras ferramentas.

A imagem exerce certo poder no público em geral e, talvez, ainda não sejamos capazes de saber se o predomínio desse novo tipo de imagem pode ajudar ou privilegiar no processo de formação do hábito de leitura. No entanto, os livros infantis sempre foram

⁹¹ RAMAL, A. Ler e escrever na cultura digital, 2000, p. 6.

⁹² RAMAL, A. Ler e escrever na cultura digital, 2000, pp. 6-7.

repletos de imagens, e se não as têm, dificilmente serão consumidos pelo público ao qual se destina. E é com esses livros e que com esses recursos visuais que começamos a formar pequenos leitores em potencial. São questões muito novas e maleáveis em sua constituição para serem fechadas em apenas uma resposta plausível.

Ler uma imagem, conforme análise de Roger Chartier, pode ser uma metáfora, uma “leitura” organizada ou pensada segundo os mesmos procedimentos e as mesmas técnicas da leitura de um texto, porém, não podemos esquecer que os objetos são distintos, como são as operações de apropriações feitas em cada procedimento, isto é, “*distinguir entre una lectura que se apropia de textos y las otras formas de apropiaciones a partir de otros soportes, que no son desciframientos discursivos*”.⁹³ Como exemplo pode ser apontado o texto do primeiro encontro do círculo de leitura, quando o grupo “leu” as imagens das publicidades estrangeiras.

Por outro lado, a leitura textual também é considerada por muitos como leitura de imagens: as letras são representações gráficas dos sons da fala. Isso se considerarmos apenas o alfabeto usado no Ocidente, pois, voltando na linha do tempo, encontraremos as escritas mesopotâmicas, os heliográficos egípcios, a escrita cuneiforme, o ideograma chinês, a escrita maia, sem esquecer-se de mencionar, todavia, os numerais arábicos ou romanos, a escrita oriental, entre outras, que nada têm a ver com nossa escrita alfabética, corrente e usual, pois, são ao mesmo tempo imagens, signos fonéticos e elementos de classificação lógica: “o alfabeto é percebido como uma perda desta dupla dimensão, a de tipo lógico e a de tipo simbólico, para reduzir-se a um veículo de sons”.⁹⁴

Todas as questões aqui apresentadas levam-nos a pensar mais uma vez na abordagem central deste trabalho: como fazer com que jovens oriundos de cursos comunitários de pré-vestibular também adquiram mais esta língua, mais esta linguagem articulada e difundida não só nos *campi* universitários, mas em várias situações e em vários espaços pelos quais passam ou passarão? O fato de muitos deles não poderem ser considerados leitores efetivos prejudica a aquisição de mais essa ferramenta? Como

⁹³ CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e historia*, 2003, p. 201. “Distinguir entre uma leitura que se apropria de textos e as outras formas de apropriações a partir de outros suportes, que não são decifrações discursivas”.

⁹⁴ CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e historia*, 2003, p. 201.

formar leitores/escritores em um mundo altamente digitalizado como está o nosso e inundado pela produção eletrônica, seja textual ou seja imagética, usados e divulgados em todas as esferas de comunicação?

Se por um lado Wolfgang Iser diz que ler é preencher os espaços em branco com nosso conhecimento prévio de leitor, por outro lado, com o avanço da escrita eletrônica, também se faz vital saber preencher os espaços vazios dos hipertextos. Porém, o tipo de conhecimento que este procedimento requer é outro: sem dominar a máquina, nada fazemos. Preencher os espaços em branco; modificar o texto, sua forma e seu corpo; apagar; salvar; não deixar marcas nas folhas ou ser reconhecido pela caligrafia; compor um texto sem gênese; isto é, ser autor ou co-autor de hipertextos demanda o conhecimento acumulado e o conhecimento mais mecânico, do saber lidar com os programas, com o teclado, com todos os componentes do chamado *hardware*, assim como, o não tangível pelo usuário, isto é, o *software*: o editor de textos e suas especificidades, igualmente, a Internet, os programas de fotografias, de gravação, de correio eletrônico, etc.

Para Roger Chartier, os novos processos de leitura e escrita é uma mediação que corresponde à escrita, porque *“lo trazado como escritura no viene directamente de la mano, sino por mediación del teclado, lo que produce algo que no es formado por la mano misma, sino algo nuevo que sólo la máquina de escribir había preparado”*.⁹⁵ Com a leitura passa o mesmo, segundo Chartier, a leitura frente à tela suprime toda a presença do objeto impresso nas mãos do leitor.

A democratização deste novo tipo de produção, assim como a democratização do saber, da educação e da aquisição de conhecimento, também está muito defasada entre as classes que compõem as sociedades. Enquanto algumas escolas equipam suas salas de aula com computadores e componentes de última geração, em outra, na mesma região, não há giz para a escrita do professor no quadro-negro.

A maior pretensão da proposta do curso promovido para os pré-universitários era a formação simultânea de dois tipos de leitor/escritor: o primeiro seria o leitor

⁹⁵ CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e historia*, 2003, p. 211. “O traçado como escrita não vem diretamente da mão, senão por mediação de um teclado, aquilo que produz algo que não é criado pela própria mão, senão de algo novo que somente a máquina de escrever havia preparado”.

convencional de livros que escreve em papel; e o segundo tipo seria o leitor que lê textos eletrônicos e escreve em telas de computador.

4.3

Alfabytização e ciberdiscriminalidade

¿Cuándo se reconocerá que cuanto más se disponga de teléfonos, ordenadores, televisores, multimedias interactivos, redes, (...) más se plantea la pregunta qué harán las sociedades con esas técnicas y no, como se escucha a menudo, de saber qué sociedad será creada con estas técnicas? En una palabra, ¿cuándo se reconocerá que o problema s socializar las técnicas y no tecnificar la sociedad?

Dominique Worton⁹⁶

O advento da informática, do mundo digital, cibernético e virtual implica uma série de modificações na postura do novo leitor/escritor. Não apenas aquelas apontadas por Roger Chartier no que diz respeito ao manejo do livro, o virar as páginas, as anotações feitas nas margens, como nas modificações que estão diretamente ligadas ao modo de produção: escrever é um ato descontínuo, no qual o começo nem sempre precisa ser o começo ou o fim não segue sendo o fim, a arrumação e ordenação dos parágrafos são variáveis à medida que o texto avança e cresce neste vai-e-vem da escrita.

Si pensamos en lo que realmente novedoso de esta forma de producción, inscripción y recepción de los textos, podremos ver que hay tres cosas. La primera es que puede escribirse en el texto: antes, con el libro impreso, era posible escribir en los márgenes del texto, en los blancos de la página, una escritura que se insinuaba, pero que no podía modificar el enunciado del texto ni borrarlo, que no modificaba lo que venía de una escritura transformada en composición tipográfica; mientras que ahora, con la representación electrónica del texto, existe la posibilidad de someter el texto recibido a

⁹⁶WORTON, D. *apud* AVENDAÑO, F. *La cultura escrita ya no es lo que era*, 2005, p. 7. “Quando se reconhecerá que quanto mais se disponha de telefones, computadores, televisores, *multimedias* interativos, redes, (...) mais latente é a pergunta que farão as sociedades com estas técnicas e não, como se ouve freqüentemente, que sociedade será criada com estas técnicas? Em uma palavra: quando se reconhecerá que o problema é *socializar as técnicas e não tecnificar a sociedade?*” Grifos do autor.

*las decisiones propias del lector para cortar, desplazar, cambiar el orden, introducir su propia escritura, etc. Se puede, entonces, escribir en el texto o reescribirlo.*⁹⁷

Que tipo de problemas as pessoas que não possuem o hábito do manejo do livro físico (o hábito de passar a página, de verificar índice e sumário, de identificar um livro novo pelo cheiro, pela brancura ou pela cor sépia de suas páginas, de sentir a gramatura do papel com os dedos ávidos por manusear as folhas) podem ter e até onde têm consciência do sucesso do novo procedimento de pesquisa, leitura e escrita através do computador, através das chamadas redes. É preciso averiguar até que ponto as transformações tecnológicas também não implicarão em mudanças profundas nas teorias pedagógicas, até que ponto não demanda *novas escolas e novos professores* para os *novos alunos* que chegam com condições de dialogar e ensinar aos mestres sobre a cibercultura. Ainda existirão “dominados” e “dominadores” no campo educacional segundo o modelo tradicional, cujo depósito e guarda do saber pertencia ao professor e ao aluno somente era permitido ouvir e repetir?

Na era de avanços tecnológicos como na qual atravessamos e na qual nos aprofundamos cada vez mais, onde todos os sentidos estão voltados para os novos recursos de computador, deixemos claro que *computador* o suporte por excelência da Internet, que, por sua vez, é o ambiente para a comunicação que suscita diferentes modos de comunicação e de produção, através de variadas ferramentas muito peculiares. Sendo assim, as mudanças de suportes implicam também em usos específicos e distintos dos anteriores, repercutindo, inclusive, nos códigos utilizados.

No livro *Cibercultura*, Pierre Lévy define cibercultura como conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem justamente com o crescimento do ciberespaço, sem, contudo, poder

⁹⁷ AVENDAÑO, F. *La cultura escrita ya no es lo que era*, 2005, p. 205. “Se pensarmos o que é realmente novo nessa forma de produção, inscrição e recepção dos textos, poderemos ver que há três coisas. A primeira é que pode escrever no texto: antes, com o livro impresso, era possível escrever nas margens do texto, nos espaços em branco da página, uma escritura que se insinuava, mas que não podia modificar o enunciado do texto nem apagá-lo, que não modificava o que vinha de uma escritura transformada em composição tipográfica; enquanto que agora, com a representação eletrônica do texto, existe a possibilidade de submeter o texto recebido às decisões próprias do leitor para cortar, deslocar, trocar a ordem, introduzir sua própria escritura, etc. Se pode, então, escrever no texto ou reescrevê-lo”.

ser considerada a “ferramenta” que resolverá todos os males do mundo, entre eles, o social e o cultural.

Este mesmo autor sustenta interessante discussão em torno do que é realidade, virtualidade e atualidade no livro *O que é o virtual?*. Ressalta nesta obra que real e virtual não se opõem, mas podem, entretanto, atualizarem-se a cada vez que são executados como tarefas no ciberespaço ou no espaço físico. Lévy vê esta atualização especificamente no campo da leitura: a cada livro aberto por um leitor, mediante o ato de ler está atualizando a obra literária (quicá, a obra artística, como idéia postulada pela teoria da recepção estética).

Desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias. Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva a diante essa cascata de atualizações. Falo especificamente de atualização no que diz respeito à leitura, e não na realização, que seria uma seleção entre possibilidades preestabelecidas. Face à configuração de estímulos, de coerções de tensões que o texto propõe, a leitura resolve de maneira intencional e sempre singular o problema do sentido. A inteligência do leitor levanta por cima das páginas vazias uma paisagem semântica móvel e acidentada.⁹⁸

Também o leitor de Lévy levanta os olhos da *página* e enxerga novos horizontes, nova “paisagem semântica móvel e acidentada”. Aqui o suporte não entra no mérito da discussão sobre significados da leitura. Ler vai além do material que se tem entre as mãos e diante dos olhos: seja livro de rica impressão, seja um *e-book*, construímos nossos textos superpostos, hierarquizamos e selecionamos passagens, damos sentidos, ressignificamos, formamos nossos hipertextos.

Ao mesmo tempo que o rasgamos pela leitura ou pela escuta, *amarrotamos* o texto. Dobramo-lo sobre si mesmo. Relacionamos uma à outra as passagens que se correspondem. Os membros esparsos, expostos, dispersos na superfície das páginas ou na linearidade do discurso, costuramos-los juntos: ler um texto é reencontrar os gestos têxteis que lhe deram seu nome.

As passagens do texto mantêm entre si virtualmente uma correspondência, quase que uma atividade epistolar, que atualizamos de um jeito ou de outro, seguindo ou não as instruções do autor. Carteiro do texto, viajamos de uma margem à outra do espaço do sentido valendo-se de um sistema de endereçamento e de indicações que o autor, o editor, o tipógrafo balisaram. Mas podemos desobedecer às instruções, tomar caminhos

⁹⁸ LÉVY, P. *O que é o virtual?*, 2005, p. 35.

transversais, produzir dobras interditas, estabelecer redes secretas, clandestinas, fazer emergir outras geografias semânticas.⁹⁹

Quanto à leitura de jornais e *e-book*, como é a postura deste leitor diante do novo suporte e qual as apropriações que faz do texto lido (a partir do que desenvolve Roger Chartier e Michel de Certeau)? O que a leitura do livro impresso no papel exige do olhar do leitor e, em contrapartida, o que exige a leitura (também a escrita) desse e nesse novo espaço?

Maria Teresa Assunção Freitas faz o seguinte comentário:

Chartier – embora destaque a importância da imprensa na história da leitura e da escrita, que permita a reprodutibilidade, possibilitando que um mesmo texto pudesse ser lido ao mesmo tempo por milhares de pessoas – considera que Gutenberg inventou uma técnica para produzir textos e reproduzir livros, mas não mudou a sua forma, o suporte. Tanto o livro manuscrito quanto o impresso eram objetos constituídos de folhas dobradas e encadernadas. Portanto, apesar da revolução tecnológica provocada pelo invento de Gutenberg, a mudança mais significativa que se operou em relação à leitura foi quando o rolo de papiro ou pergaminho foi substituído pelo caderno com folhas. Considera ainda como mais importante do que essa passagem para o códice, a introdução da leitura silenciosa, feita apenas com os olhos em vez da leitura em voz alta. Diz isso para afirmar que o texto eletrônico é uma nova e importante revolução porque o que muda hoje é a estrutura mesma do texto que passa a ser lido ou escrito num novo objeto. A tela do computador é um novo suporte para a leitura como o foi em outras épocas o códice. Não vê, portanto, essa situação como um perigo que anuncia a morte do livro. Pelo contrário, ele percebe que o livro e a leitura continuam vivos, pois o que está sendo veiculado pelas redes eletrônicas são textos. Há, portanto, apenas uma transformação frente aos meios clássicos de transmissão de textos. Assim como tivemos a tábua, o rolo, o códice que durou séculos, temos agora a tela. A forma da leitura e da escrita está tendo agora uma mudança profunda, está surgindo uma nova modalidade de apropriação do texto.¹⁰⁰

Isto fica claro quando tomamos o movimento físico do texto eletrônico: com um simples movimento de mão, às vezes, quase imperceptível, o leitor rola o texto, desloca-o, multiplica as telas, precisa, para isso, apenas mover os olhos sobre a tela, procurar os ícones, o cursor sempre presente a lhe avisar sobre os *links* e a potencialidade dos termos assinalados em abrir janelas simultâneas, ou seja, “misturando as funções de leitura e

⁹⁹ LÉVY, P. *O que é virtual?*, pp. 35-36.

¹⁰⁰ FREITAS, M.T.A. *Leitura e escrita de adolescente na Internet e na escola*, 2005, pp. 30-31.

escrita, elevando a potência do coletivo à identificação cruzada do leitor e do autor (...). A partir do hipertexto toda a leitura pode tornar-se uma escrita”.¹⁰¹

No Curso de Formação de Leitor/Escritor e Inclusão Digital busca-se apresentar aos alunos, neste caso, pré-universitários em grande maioria, que ler é mais que decodificar o texto escrito e, por sua vez, a relação com o meio digital vai além dos entretenimentos oferecidos aos usuários. Buscamos, assim, apresentar-lhes algumas possibilidades de pesquisas e outras ferramentas postas à disposição dos navegantes: desde informações mais simples através de páginas divulgadas massivamente, à leitura de jornais e *e-book*. Chamamos atenção deles para que tipo de leitor requer a tela do computador, requer este tipo de informações, requer a diagramação das páginas, que tipo de objetos as páginas têm nas “margens”. Ao passar o que escreveu – o manuscrito – para o meio eletrônico e depois, o imprimir para ler, têm a sua frente três possibilidades de textos: o manuscrito, o eletrônico e o impresso do texto de sua autoria. Porém, este texto não é eterno em sua forma, pode ser modificado tanto no que diz respeito à diagramação quanto o que diz respeito ao conteúdo, acrescentam-se ou retiram-se os dados do texto.

O desafio posto aos alunos do curso é dobrado: além de passar a praticar a leitura e a escrita convencionais também devem ser introduzidos nas novas técnicas de leitura e escrita, devem articular dois momentos e perceber que são interdependentes. Pois a Internet também pede um leitor arguto, que saiba analisar suas mensagens e sinais instantâneos e simultâneos.

Os benefícios desse novo meio de comunicação devem estar presentes em todas as classes e camadas da atual sociedade tecnológica. É essencial que todos desfrutem da tecnologia em rede, da Internet, que sejam capacitados. A *Web* é um grande universo cujo potencial democrático de informação e conhecimento deve ser explorado e distribuído. “É preciso concretizar o *link* na vida cidadã para associar competências, estender o

¹⁰¹ FREITAS, M.T.A. *Leitura e escrita de adolescente na Internet e na escola*, 2005, p. 35.

dialogo, garantir o espaço do povo através desse vasto mundo cibernético de poder disseminado que se parece muito mais com a democracia”.¹⁰²

Porém, algumas dúvidas sobre o espaço cibernético persistem:

A leitura em voz alta alimentava uma relação entre leitor e a comunidade dos próximos. A leitura silenciosa, mas feita em espaço público (a biblioteca, o metrô, o trem, o avião), é uma leitura ambígua e mista. Ela é realizada em um espaço coletivo, mas ao mesmo tempo ela é privada, como se o leitor traçasse, em torno de sua relação com o livro, um círculo impenetrável que o isola. O círculo é, contudo penetrável e pode haver intercâmbios sobre aquilo que é lido, porque há proximidade e porque há convívio. Alguma coisa pode nascer de uma relação, de um vínculo entre indivíduos a partir da leitura, mesmo silenciosa, pelo fato de ser ela praticada em um espaço público. Com o texto eletrônico poderia se produzir uma reversão definitiva. Na biblioteca, ler-se-á isoladamente. E poder-se-á ler sem sair de casa, porque os textos virão ao leitor enquanto, até então, o leitor devia ir ao livro quando não o possuísse. A relação privada com o texto corre o risco de se separar de toda forma de espaço comunitário. Está levantada a suspeita que nasce com as sociedades contemporâneas: será que elas vão dissolver o espaço público, não somente aquele da cidade antiga, em que se proferiam e escutavam os discursos, mas também o espaço onde podiam articular-se as formas da intimidade e do privado com as formas do intercâmbio e da comunicação?¹⁰³

Neste meio também se multiplicam as comunidades. Os agrupamentos cibernéticos nascem e se popularizam entre os usuários. Não seria uma nova constituição das comunidades interpretativas demandadas por Stanley Fish? E os fóruns de debates não seriam uma nova interpretação das comunidades de leitura discutidas por Roger Chartier? Neste sentido também são desenvolvidos novos *habitus* sociais, tal qual o conceito de Pierre Bourdieu, uma vez que leitura e escrita são atos sociais e de sociabilização, como já mencionado.

Podemos afirmar que prática da leitura dá-se, simultaneamente, em dois planos: o individual e o coletivo. Ou seja, todo leitor pertence a uma determinada comunidade de leitura, cujos códigos e modelos de leitura são postulados e divididos pelos membros que há compõem, assim como, as condições a partir das quais o leitor pode produzir e inventar sentidos que está sempre presente em cada leitura. Roger Chartier sustenta que as comunidades de leitura consistem em dar uma realidade sociocultural à figura do leitor, “*que debe tomarse en consideración la materialidad del texto y la corporalidad del*

¹⁰² RAMAL, A. *Educar um novo tipo de humanidade*, 2001, p. 4.

¹⁰³ CHARTIER, R. *A aventura do livro*, 1997, pp. 143-144.

lector, pero no sólo como una corporeidad física (porque leer es hacer gestos), sino también como una corporeidad social y culturalmente construida”.¹⁰⁴ Neste contexto é que estão inseridos os conceitos de liberdade individual do leitor e dimensão coletiva da leitura, pois, ainda que ler seja, ou possa ser, um ato solitário, este ato reflete de forma incisiva na coletividade, na comunidade leitora a que se pertença ou não.

Em paralelo a Roger Chartier, Stanley Fish trabalha com a categoria de comunidade interpretativa, que tem a função de ressignificar o texto e “são responsáveis pela forma das atividades do leitor e pelos textos que essas atividades produzem”.¹⁰⁵ São estas ressignificações que, segundo Fish, além de dar conta do sentido de um poema também nos leva a reconhecê-lo. Junto a isso, há mais dois pontos que contribuem para tal reconhecimento: de um lado, defende o teórico que a linguagem literária possui traços distintivos; de outro, que somos ensinados a reconhecer a obra literária, que nosso olhar é adestrado e vai sempre nos guiar na interpretação do mundo, o que “significa ‘ver’ com os olhos dos interesses, objetivos, valores, normas e práticas estabelecidas”¹⁰⁶. Para o crítico americano, tanto o conhecimento adquirido quanto nós somos uma construção social. Mediante isto, Stanley Fish sustenta que a interpretação também o é, pois é feita em conjunto, pelos membros de determinada sociedade, que compartilham suas interpretações em vários planos. “à lista de objetos feitos ou construídos temos que acrescentar a nós mesmos, pois somos, tanto quanto os poemas e as indicações de leitura que vemos, produtos de estruturas de pensamento sociais e culturais”¹⁰⁷. Por isso, cada leitura supõe um processo de incremento e de autocontrole de conhecimentos, de saberes, de experiências, de reações dos sentimentos, de desejo de viver o lido que apenas o leitor poderá presenciar.

¹⁰⁴ CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e historia*, 2003, p. 39. “Deve-se levar em consideração a materialidade do texto e a corporeidade do leitor, mas não somente como uma corporeidade física (porque ler é fazer gestos), mas, também, como uma corporeidade social culturalmente construída”.

¹⁰⁵ FISH, S. *Como reconhecer um poema ao vê-lo*, 1993, p. 156.

¹⁰⁶ FISH, S. *Como reconhecer um poema ao vê-lo*, 1993, p. 163.

¹⁰⁷ FISH, S. *Como reconhecer um poema ao vê-lo*, 1993, p. 162.